



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA - UFRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JESSICA CAROLINE DA SILVA DIAS

**(IN)VISIBILIDADE E IMAGINÁRIO: TRAJETÓRIA ENTRE
SUBALTERNIZAÇÃO E CRIATIVIDADE EM *QUARTO DE
DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

TOME-AÇU
2020

JESSICA CAROLINE DA SILVA DIAS

**(IN)VISIBILIDADE E IMAGINÁRIO: TRAJETÓRIA ENTRE
SUBALTERNIZAÇÃO E CRIATIVIDADE EM *QUARTO DE
DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
obtenção de graduação no curso de Licenciatura plena
em Letras Língua Portuguesa da Universidade
Federal Rural da Amazônia – Campus Tomé-Açu.
Área de concentração: Letras e Literatura.
Orientador: Prof. Me. Marcelo Spitzner.

**TOMÉ-AÇU
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas da Universidade Federal Rural da Amazônia
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D541(Dias, Jessica Caroline da Silva
(IN)VISIBILIDADE E IMAGINÁRIO: TRAJETÓRIA ENTRE
SUBALTERNIZAÇÃO E CRIATIVIDADE EM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA
MARIA DE JESUS / Jessica Caroline da Silva Dias. - 2020.
28 f.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Spitzner

1. Carolina Maria de Jesus. 2. (In)visibilidade. 3. Imaginário. 4. Autoficção. I.
Spitzner, Marcelo, *orient.* II. Título

CDD 869.909

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, é muito complicado agradecer algumas trajetórias que vivemos, mas o sentimento de paz quando elas chegam ao fim é essencial para se continuar a lutar e crescer cada vez mais. Eu agradeço sem uma linha temporal adequada, agradeço as pessoas que nunca me deixaram desistir de chegar até aqui de uma forma especial, por meio da persistência e vontade de se provar cada vez mais.

Agradeço ao esforço da minha falecida avó materna por todo incentivo e cuidado, toda dedicação em me fazer ter um ensino exemplar, por todas as minhas horas de choro quando eu não entendia algo e precisava de uma solução. Por todas as aventuras que vivemos juntas e por esse sonho que não era só meu, espero que esteja orgulhosa de mim onde você estiver, vó (Rosa Conceição). Também a outra figura de superação e amor, mãe (Cristiane da Silva Dias), obrigada por também não desistir.

O meu mais sincero agradecimento para as minhas amigas, que mesmo no turbilhão de sentimentos e correria, não deixaram de mostrar apoio e carinho. Regilene, Alâny e Danielly, muito obrigada pelo amor e cumplicidade. E finalmente, ao meu orientador (Marcelo Spitzner) que me acompanha nessa jornada desde o terceiro semestre através do seu grupo de pesquisa. Obrigada a todas as pessoas que me ajudaram de forma direta ou indiretamente, e ao papai do céu.

*“Poeta, por que choras?
Que triste melancolia.
É que minh’alma ignora
O esplendor da alegria.
Este sorriso que em mim emana,
A minha própria alma engana.”*

(Carolina Maria de Jesus)

RESUMO

Esta pesquisa tem a priori de investigar a (in)visibilidade e o imaginário dentro da trajetória autoficcional em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2013), de Carolina Maria de Jesus, que por sua voz narrativa, denuncia a vida do pobre, mostra a fome, a miséria, as questões que se tornam antagonistas em sua obra, como a dor, o medo e a discriminação racial, tendo em base o seu anseio pela liberdade na resistência de viver. Em vista disso, percebe-se a importância de um estudo crítico sobre essa temática a fim de traçar o caminho do imaginário com o intuito de evidenciar os percursos da (in)visibilidade, com a finalidade de debater e expandir conhecimentos prévios sobre a autora. Este trabalho se debruça em uma pesquisa bibliográfica em uma revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o arcabouço teórico desta análise, portanto será feita a leitura da fortuna crítica sobre Carolina Maria de Jesus, também os processos de invisibilidade dentro da autoficção e as relações do imaginário presentes na obra que se tornam essenciais para o concluinte deste estudo, e de que forma Jesus utilizou o imaginário para desenvolver suas ideias e premissas sociais em uma luta constante contra os seus antagonismos nos seguintes tópicos: o processo imaginário e de (in)visibilidade, o mito do escritor, e por fim, narrativa e imagem de Carolina Maria de Jesus. Portanto, se torna cognoscível que a imaginação representa mais que símbolos, mas sim uma fuga constante do que pode (ou não) ser considerado real em uma representação do coletivo social, como uma performance da escrita de si, dentro do mito do escritor em sua narrativa discursiva de resistência. Tudo isso em um estudo analítico e crítico caracterizado como pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; (In)visibilidade; Imaginário; Autoficção.

ABSTRACT

This research has as a priori to investigate the (in) visibility and the imaginary within the self-fictional trajectory in *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2013), by Carolina Maria de Jesus, who through her narrative voice, denounces the life of the poor, it shows hunger, misery, issues that become antagonistic in her work, such as pain, fear and racial discrimination, based on her desire for freedom in the resistance to live. In view of this, the importance of a critical study on this theme is perceived in order to trace the path of the imaginary highlighting the paths of (in) visibility and debating and expanding previous knowledge about the author. This work focuses on a bibliographic research in a literature review on the main theories that guide the theoretical framework of this analysis, so the reading of the critical fortune about Carolina Maria de Jesus will be made, also the invisibility processes within the self-fiction and the relationships of the imaginary present in the work that become essential for the conclusion of this study, and in what way Jesus used the imaginary to develop her ideas and social premises in a constant struggle against her antagonisms in the following topics: the imaginary process and (in)visibility, the myth of the writer, and finally, narrative and image of Carolina Maria de Jesus. Therefore, it becomes knowable that the imagination represents more than symbols, but rather a constant escape from what can (or not) be considered real in a representation of the social collective, as a performance of the writing of oneself, within the myth of the writer in her discursive narrative of resistance. All of this in an analytical and critical study characterized as bibliographic research.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; (In) visibility; Imaginary; Self-fiction.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
1 INTRODUÇÃO	9
2 O PROCESSO IMAGINÁRIO E DE (IN)VISIBILIDADE.....	10
2.1 (In)visibilidade em Quarto de Despejo (2013)	13
2.3 O mito do Escritor	21
2.4 Narrativa e imagem de Carolina Maria de Jesus	23
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
4 REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.”

(Carolina Maria de Jesus)

Quem possui a palavra retém o poder, o poder de através dela denunciar fatos, evidenciar preconceitos ainda existentes e até mesmo de mudar e influenciar discursos, além de deter um caráter transformador. Carolina Maria de Jesus (1914-1977), em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2013), apresenta esse caráter denunciativo por meio do processo da escrita de si como performance (autoficção), no entanto, qual a fortuna crítica que se dispõe sobre ela?

Quando se trata desta autora fica evidente os estudos identitários e culturais acerca de suas obras publicadas, e até mesmo sobre uma perspectiva de marginalização e processos educacionais e políticos debatidos pela própria Jesus em alguns de seus diários. Fica claro que dentro dessas obras há muito vieses de pesquisas que trazem essa ruptura do silenciamento após o seu reconhecimento na publicação de seu primeiro livro em 1960.

Conhecida como “Cinderela Negra” (MEIHY;LEVINE, 1994) levando a comparação com a personagem do conto de fada onde há uma transformação para algo grandioso, mas levando em consideração a ruptura de magia (silenciamento), Carolina Maria de Jesus nos leva a refletir os processos sociais enfrentados por ela. Além disso, o termo a ela intitulado na biografia publicada por Meihy e Levine (1994) nos remete a uma realidade social brasileira na qual ainda é interposta por racismo e preconceito, ademais, eles ainda afirmam que ela enfrentou “a luta cotidiana de uma mulher “de cor”, pobre e desprovida de favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até de amigos”. (p.19).

Conseqüentemente, a necessidade de realizar um estudo crítico do seu processo do imaginário dentro das questões que tornam essa obra um objeto de estudo (a trajetória que a levou a (in)visibilidade), se torna essencial para o processo de evidenciação desta autora, e ao analisá-la, as perspectivas sociais se tornam mais presentes, explicitando esses processos de que a levaram ao silenciamento e ao mesmo tempo a ruptura de voz.

Outrossim, vemos que a necessidade da fuga de uma “realidade” faz com que esta autora busque, por meio da literatura, formas de promover uma performance de si, de relacionar o seu imaginário com o processo de subalternização em que viva, o que nos leva a refletir e levantar a produção desta pesquisa. Desta forma, este trabalho se debruça no arcabouço criativo de Carolina Maria de Jesus, tais como nos processos de seu reconhecimento, silenciamento e ressurgimento, visando o seu processo criativo que se concentra na produção de sua cosmovisão narrativa, se englobando no seu lugar de fala, lutando contra a subalternização social que vivia.

Portanto, para a realização deste estudo, foi pensada na base metodológica de Marconi e Lakatos (2010) na tomada de decisão que irá se fundamentar naquilo que é lógico, além de ser racional e com soluções eficazes, tendo em vista os processos da pesquisa bibliográfica analítica e crítica, como o levantamento de tema e uma revisão da literatura dentro da fortuna crítica sobre as principais teorias que norteiam o arcabouço teórico desta análise, portanto será feita a leitura da fortuna crítica sobre Carolina Maria de Jesus, levantamentos de trabalhos publicados sobre a autora (publicações em periódicos, livros, anais de congressos etc.), dados sobre as temáticas abordadas neste projeto como questões de (in)visibilidade (reconhecimento, silenciamento e ressurgimento), autoficção e imaginário, destrinchando também em outras temáticas de segundo plano que estarão explícitas na revisão teórica deste estudo de forma crítica e analítica.

2 O PROCESSO IMAGINÁRIO E DE (IN)VISIBILIDADE

Quando falamos em *imaginário* a imagem que nos é remetida pelo senso comum é a de figuras de encantarias, de fantasias e algo considerado *irreal*. Nos processos que são referidos a esse estudo, buscar as manifestações do imaginário em uma obra literária se torna essencial para entender que ela pode e se transfigura em um produto social de movimentos reais, de relações reais, tudo isso encaixado na cosmovisão narrativa dentro do *ethos* e da estética em um elo social em uma representação do *real*.

Mas o que seria essa narrativa dentro do *ethos*? Esse termo vem do grego, que tem o seu significante de “caráter moral” e/ou “ética”. Mas aqui encaixando-se na visão narrativa, baseando-se em uma imaginação, ou em um processo criativo de terminado/a autor/a, como a criação de uma sociedade, de caracterização de personagens, ou de até mesmo uma elaboração de escrita de si, podemos analisar e evidenciar essa “ética” nessa obra, como o seu convívio social e o seu modo de ser.

Mas além disso, é visível que a ética possui um caráter teórico e reflexivo o que nos leva a pensar no papel dela em uma narrativa, dessa forma, ao ser inserida em uma narrativa, a reflexão sobre as temáticas abordadas se tornam mais profundas, pois terá base naquilo que o/a autor/a passa para sua obra, além de evidenciar novas perspectivas de “moral” e “ideologias”. Porém, e no caso da autoficção em Jesus? Veremos que Austin apresenta o seguinte conceito sobre cosmovisão, o que irá nos levar a analisar o papel da performance de si nesse contexto.

A cosmovisão é um fato histórico sumamente complexo porque vai se integrando a partir de sistemas ideológicos muito heterogêneos. Compreendê-los, os abrangendo globalmente, estruturando-os e articulando-os em forma congruente. Desta maneira, a cosmovisão se constitui em um sistema de sistemas. (AUSTIN, 1995, p. 215, tradução nossa).

Além disso, vemos que a “cosmovisão” de si relacionando com o “ethos” faz com que o processo criativo se solidifique e se manifeste em arte literária. Retornando sobre a escrita de si, Austin (1995) complementa que esse fenômeno também “nasce nos atos constantes, cotidianos, de quem nem sequer se imaginam criadores de cosmovisão” (p. 216). Carolina Maria de Jesus, manifesta sua cosmovisão dentro da narrativa do *ethos* por meio dos seus diários, denunciando a vida dura da favela, e nos apresentando os antagonistas da sociedade na qual vivia.

Conseqüentemente, o imaginário pode se configurar como elementos simbólicos que manifestam construções do real e aqui se inicia o encanto do imaginário que se apresenta como uma agregação de produtos sociais¹. Ademais, com “a imaginação tornou-se o caminho possível que nos permite não apenas atingir o real, como também

¹ Essa agregação se torna possível através da imaginação, ou seja, através do imaginário o autor tem autonomia de criar produtos sociais, um espelho que poderá ou não refletir sobre o que é universal. O que se é visível sobre a narrativa autoficcional de Carolina Maria de Jesus.

vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade” (LAPLANTINE;TRINDADE, 1997, p. 2). No entanto, podemos observar a (in)visibilidade por meio do imaginário?

Laplantine e Trindade (1997), afirmam que “tudo depende em definitivo da natureza do reconhecimento ou da identificação, ou seja, da intencionalidade dos atores em uma dada situação sociocultural, no interior da qual as imagens operam.” (p. 4), portanto, vemos que o caráter explícito no *ethos* de Jesus é marcado por denúncia e reflexões. Ao utilizar o imaginário, Carolina Maria de Jesus consegue transmitir medos, anseios, indignação e pequenos prazeres. Através da sua escrita conseguimos identificar a fome e a vontade de se provar cada vez mais em sua obra Quarto de Despejo (2013) – que adiante será referida nesta análise com a sigla Q.D. E vemos isso até mesmo quando se manifesta sobre a política que cercava a antiga sociedade brasileira.

Político quando candidato
 Promete que dá aumento
 E o povo vê que de fato
 Aumenta o seu sofrimento!
 (JESUS, 2013, p. 135)

Inclusive, podemos perceber essa perspectiva no estudo de José Carlos Sebe Bom Meihy (1998), também o autor de Cinderela Negra – a Saga de Carolina Maria de Jesus (Editora da UFRJ), ao nos dizer que “representando um segmento social que começava a ser ameaça, Carolina emblemava a luta de classes segundo o modelo cabível naquele instante” (p. 88). Haja vista que em Q.D mesmo se torna possível perceber essas manifestações artísticas como um escape social, uma tentativa por meio do imaginário, de idealizar e construir produtos sociais. A própria autora nos afirma essa concepção no seguinte trecho:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2013, p. 58)

Carolina Maria de Jesus utiliza a linguagem como um mecanismo denunciativo, e por meio dela podemos perceber marcas de lutas e resistência. Portanto, vemos que a luta contra o silenciamento desta autora se manifesta por meio do imaginário, e por meio dele seguiremos esta análise, não só na (in)visibilidade, mas também no processo de autoficção, na performance de si em meio aos antagonismos da fome e miséria em *Quarto de Despejo* (2013).

2.1 (In)visibilidade em Quarto de Despejo (2013)

“O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém.”

(Carolina Maria de Jesus)

Com a publicação de *Quarto de Despejo* (2013) em 1960 (antes publicado na *Folha da Noite*, em 1958, e mais tarde (1959) na revista *O Cruzeiro*) desfez estereótipos que se tinha sobre as pessoas que residiam nas antigas favelas, esse processo se tornou essencial para a primeira fase que temos sobre Jesus: *o reconhecimento*. Escrever em seus diários se tornou uma forma poética para demonstrar as mazelas sociais que vivia, debater sobre assuntos da favela, falar sobre política e metaforizar a fome (a cor amarela) sendo a última um objeto constante de agonia e motivo de resistência.

O reconhecimento de Carolina se deu por Audálio Dantas, que em sua apresentação de prefácio na obra, diz que havia uma matéria para ser escrita sobre a favela próxima do rio Tietê, além disso relata que “no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem” (p. 6).

Além de que, esta obra foi discutida ao redor do mundo, com um total de tradução em 13 idiomas, o seu auge como escritora que relatava a vida cotidiana da favela também foi considerado sucesso pessoal de Carolina por realizar seu sonho de publicar um livro, mas nesse processo não houve o reconhecimento devido como autora e sim uma

personagem de sua própria história de narrativa lírica do sofrimento. Audálio, ainda no prefácio ainda cita que

Carolina, querendo ou não, transformou-se em artigo de consumo e, em certo sentido, num bicho estanho que se exibia “como uma excitante curiosidade”, conforme registrou o escritor Luís Martins. Mas, acima da excitação dos consumidores fascinados pela novidade, pelo inusitado feito daquela negra semianalfabeta que alcançara o estrelato e, mais do que isto, ganhara dinheiro, pairava a força do livro, sua importância como depoimento, sua autenticidade e sua paradoxal beleza (DANTAS, 2013, p. 7).

A imagem que se tinha sobre a autora se baseava em uma jogada publicitária, algo que no momento foi aceito por muitos, houve também o desprezo por suas condições sociais (negra, pobre e mãe solo), principalmente no acarretamento que teve seu subtítulo “diário de uma favelada” atribuindo a ela o título de algo exótico, algo diferente. E nesse burburinho com sua publicação no auge de seu reconhecimento, muitos autores brasileiros escreveram sobre suas características de linguagem e até mesmo de uma estética poética, os autores foram Rachel de Queiroz, Sérgio Millet, Helena Silveira, Manuel Bandeira e entre outros. Nesse sentido de enfrentar o desconhecido por ela, Meihy e Levine (1994, p. 22) afirmam que:

Carolina era uma guerreira valente contra as tropas da herança racista, preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo, uma pessoa que afrontou a marginalidade e a negligência política. Nunca se rendeu ao Estado ou as instituições sociais, nem a maridos, ainda que, muitas vezes, estivesse próxima a adúlta-los ou feri-los.

Seu registro de luta em Q.D ao ser lançado, lhe rendeu mais de 100 mil exemplares vendidos, esse alcance se deu por meio de jornais, revistas, rádio e a televisão. Uma mulher negra ser publicada no país era algo digno de reconhecimento, mas até que ponto isso foi de fato algo “reconhecido”? Carolina foi vista como uma personagem, não como uma autora e esse processo nos leva à segunda fase desta autora: *silenciamento*.

Logo após a primeira fase, Carolina ganhou uma certa estabilidade, conseguiu sua tão sonhada casa de alvenaria, mas o desejo e consumismo pela literatura ainda inquietava seu coração e nessa inquietação temos o silenciamento, o momento em que a realidade social do Brasil muda e a autora já não era mais motivo de curiosidade, de

estranhamento, e aqui temos o início do silenciamento. Essa segunda fase se iniciou com as tentativas de continuar as publicações, neste momento ainda consegue publicar alguns livros como *Casa de alvenaria* (1961), *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1963), entretanto, nenhuma dessas obras consegue alcançar o mesmo patamar de Q.D e é válido ressaltar que, essas obras foram publicadas com o dinheiro de seu primeiro livro, na insistência de ter lugar de fala.

Neste sentido, Gayatri Chakravorty Spivak² (2010), em seu ensaio intitulado de *Pode o Subalterno Falar?* nos afirma que “ao representá-los [os oprimidos e subalternos], os intelectuais representam a si mesmos como sendo transparentes” (p. 33). A representação de classe no meio intelectual por Jesus, fez com que houvesse uma visibilidade sobre as antigas favelas que viviam em mazelas sociais. A autorrepresentação dentro da escrita de si, nos traz o lugar de fala e uma breve ruptura de marginalização.

Ademais, o *sujeito subalterno* caracterizado por Spivak (2010) é aquele que se torna pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (p.12). Portanto, a necessidade de se auto representar, fazendo uma performance de si, encontramos a figura da mulher nesse processo de subalternização. Aqui podemos relacionar essa figura com Carolina, que ganhando o silenciamento, perde seu lugar de fala e de representação, não só de si própria, mas de outro agregamento social. Neste sentido, “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p.15).

Com o silenciamento e a desvalorização de suas obras, Carolina morre em 1977 ainda pobre e cheia de livros para serem publicados na zona sul paulistana. O problema da favela já não era algo que deveria ser debatido, uma mulher negra escritora já não era algo exótico e muitas vozes foram silenciadas, aqui o pobre ganhou voz e em seguida caiu ao silenciamento forçado. Dessa forma, podemos afirmar que essa segunda fase se

² “O polêmico e influente ensaio de Gayatri Chakravorty Spivak, *Can the subaltern speak?* (1988), propõe, em última análise, ao intelectual pensar sobre seu próprio local de fala. Partindo de um diálogo entre Foucault e Deleuze, publicado como *Os intelectuais e o poder*, Spivak argumenta que o intelectual “de Primeiro Mundo”, ao teorizar sobre o Outro oprimido, não lhe oferecia um espaço todo seu para o desenvolvimento da autonomia” (SILVA, 2018, p. 330).

configura como o silêncio que “liga o não-dizer à história e à ideologia” (ORLANDI, 2002, p. 12)³. Mas qual a caracterização do “*silenciamento*”?

Na construção do silêncio para Eni Orlandi (2002), se configura de forma histórica dentro de uma sociedade. Mas e na sociedade apresentada na cosmovisão de Jesus? De forma histórica, as consequências deixadas pelo processo colonial no Brasil são marcadas por racismo, subalternização e inferiorização, vemos isso quando a autora escreve em seu diário a seguinte constatação: “o que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la” (JESUS, 2013, p. 29). Por conseguinte, ao ser denunciativa e logo em seguida cair no silenciamento, vemos que a construção social se caracteriza por apagamento ideológico

E que chega a nos fazer compreender de modo interessante o que é, por exemplo, a censura, vista aqui por nós não como um dado que tem sua sede na consciência que um indivíduo tem de um sentido (proibido), mas como um fato produzido pela história. Pensada através da noção de silêncio (...), a própria noção de censura se alarga para compreender qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso de sentidos. (ORLANDI, 2002, p. 13)

Mesmo que esse processo aconteça, “todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras” (ORLANDI, 2002, p. 15). No entanto, esse silenciamento se rompe com o seu centenário em 2014, no qual houve de fato uma releitura de suas obras e entramos na terceira fase de Jesus: *o ressurgimento*. Esse processo de ressurgir nos remete a volta de Carolina aos estudos acadêmicos, a volta da problematização da (in)visibilidade na sociedade brasileira nas temáticas abordadas pela autora, como também ao que se torna visível aos olhos de todos no prefixo (*in*) de se tornar invisível.

Os caminhos da invisibilidade dentro de suas obras retornam a voz e ao lugar de fala, Lélia Gonzalez (1988, p. 74) nos diz sobre esses processos e afirma que “aqui, a força cultural apresenta-se como a melhor forma de resistência. O que não significa que vozes solitárias não se ergam, efetuando análises/denúncias do sistema vigente”. Além disso, outras questões serão trabalhadas como o racismo e sexismo, como a fome e a

³ Cf. ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2002.

pobreza, sobre silenciamento e ressurgimento, e várias outras temáticas encontradas em Jesus. Nesse âmbito Djamila Ribeiro (2017, p. 49-50) nos diz que

Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta. Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível “voz de ninguém”, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade. Não à toa, iniciamos esse livro com uma citação de Lélia Gonzalez: o lixo vai falar, e numa boa.

Dessa forma, entende-se que por meio do lugar de fala se torna essencial para salientar traços presente de resistência em Carolina com o intuito de evidenciar que sua voz ainda é ouvida, saindo assim do silenciamento forçado que a ela é atribuído. E nesse sentido, Jesus nos mostra esses traços de resistência em diversos trechos, como no qual veremos a seguir:

“Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é a fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país os políticos açambarcadores” (JESUS, 2013, p. 39).

Portanto, vemos que há a necessidade de representar por meio da performance de si, esta autora é uma voz a ser ouvida e analisada, o ressurgimento nos leva a refletir sobre os problemas que antes foram relatados por ela, ainda persistem em subalternização, que se encontram invisíveis, porém visível quando a autoficção se torna um grito e nos conduz histórias, medos e anseios por liberdade em meio a resistência. Dessa forma, veremos adiante como esse processo de conduzir história se torna uma performance.

2.2 Autoficção como gênero condutor de história

Retornando o que diz a respeito sobre o poder da palavra, o que se está escrito pode coexistir com o *não-existir*, pode se condizer com uma realidade social e em um paralelo se alternar e subjetivar na própria ficção como um mecanismo de construção do

eu como performance (Kingler, 2008) em um entrelaço com o que pode ser relacionado com os termos *verossímil* e *inverossímil*. Aqui o que foi (ou não) vivido pela autora é interposta com a ficção, e a partir dela discursos são criados sobre uma desconstrução do *eu*.

Pensar no gênero utilizado pela autora para escrever e relatar o seu cotidiano (por meio de diários) abre um viés de pensar na concepção e conceituação do que realmente é a “*autoficção*” em contrapartida com a “*autobiografia*”, segundo Moya (2003), a diferença entre ambas se baseia que na segunda há uma identificação do/a personagem com o autor/a dentro das informações paratextuais em uma obra. Já o que diz respeito a primeira, Luciene Azevedo (2008, p. 35) diz que

A autoficção é entendida, então, como um apagamento do eu biográfico, capaz de constituir-se apenas nos deslizamentos de seu próprio esforço por contar-se como um eu, por meio da experiência de produzir-se textualmente. Eu descentralizado, eu em falta que preenche os vazios do semioculto com as sinceridades forjadas que escreve.

Mas o que são essas informações paratextuais? E podemos as encontrar em Jesus? Muzzi (2015, p. 59) vai nos conceituar o que é de fato um “paratexto”, nesse segmento ela nos diz que “a função básica assumida pelo paratexto desde sua criação está, entretanto, sempre presente: exibir o texto, apresentá-lo, encená-lo – função ostentatória e teatral”. Dessa forma, devemos lembrar das fases que Carolina Maria de Jesus teve: *reconhecimento*, *silenciamento* e *ressurgimento*. Todo o percurso histórico que foi definido em sua *persona* teve interversões midiáticas, ainda que seja célebre, tornou-se desconhecida.

Conseqüentemente, a representação como “*favelada*” e outras caracterizações para ser entregue a mídia como um produto novo e desconhecido, nos remete ao paratexto ligado a si, o que nos leva em outra questão: qual o impacto que isso teve e como isso pode nos ajudar a caracterizar a autoficção? O subtítulo ligado a Jesus como “*diário de uma favelada*”, remete a designar um “produto” e faz com que inicialmente, receba uma visão de autobiografia. Mas além disso, o paratexto entra aqui como um elemento que constrói imagem e controla. Nesse caso, Muzzi (2015, p. 59) ainda nos diz que

Por outro lado, o paratexto constitui um meio de controle do autor ou do editor sobre o livro, de onde advém sua aptidão para funcionar como instrumento ideológico: é o lugar por excelência de uma ação sobre o público, onde se estabelecem critérios de recepção e consumo. Essa função, publicitária, pragmática e estratégica, visa a situar o leitor no espaço social da leitura, a determinar uma atitude de leitura, e a instituir o texto como lugar de investimento fantasmático.

Outrossim, levando em consideração as indagações feitas anteriormente visando o elemento conceitualizado, vemos que inicialmente, o impacto de seu livro se tornar rapidamente um *best-seller* no Brasil, porém nem todos de fato queriam ouvir a voz de Jesus. Muitas indagações a respeito de sua linguagem, ou até mesmo levando em conta o seu nível social, o título e o subtítulo (vemos aqui que o principal elemento paratextual de um livro é o seu título, pois através dele se torna possível relacionar e contextualizar determinada obra, seja ela literária ou não), a levaram a cair em um silenciamento. Mas a escrita de si permanece e que nos leva a condução de uma história denunciativa.

E nesse processo de performance do *eu* na escrita de si, Carolina Maria de Jesus manifesta suas vontades e anseios em vários trechos de Q.D, essas vontades manifestadas por um eu que se descentraliza de si próprio (HALL, 1999) pode ser percebida explicitamente pela própria autora quando diz que “passei a noite assim: eu despertava e escrevia. Depois eu adormecia novamente.” (JESUS, 2013, p. 65). O desejo de escrever é visto repetidamente ao longo da leitura, pois para a autora somente por esse processo que conseguia esquecer a fome a miséria da favela. Para Meihy (1994, p. 103):

[...] Ao mesmo tempo em que vivia aquela situação de profunda miséria, ela sempre se considerou uma pessoa acima daquele grupo do qual fazia parte. Na verdade, ela vivia em conflito permanente com o grupo, porque se considerava superior. E realmente, do ponto de vista intelectual, ela era superior ao grupo. Era capaz de se expressar e de ter acesso ao mundo de fora, como efetivamente acabou tendo.

Essa capacidade de ter “*acesso ao mundo de fora*”, fez com que Jesus produzisse seus escritos dentro da autoficção, pela maneira em que relata por sua narrativa a insatisfação da vida cotidiana na favela e da presença da fome constante, a performance se inicia com o desejo de transmutar-se da realidade vivida, de através da Literatura, com

vontade de buscar um refúgio em meio as palavras. Na concepção de Kingler (2008, p. 25), essa manifestação artística apresenta características de sujeito duplo, o sujeito real e o que dramatiza (fictício) – a figura do ator e personagem –, além do mais “a dramatização supõe a construção simultânea de ambos, autor e narrador”. Dessa forma, podemos perceber que a autora expressa seus desejos usando a dramatização (ficcional) ao expressar o seu *eu* (aqui como autora e personagem).

Diana Kingler (2008), ainda nos alerta que o processo dentro das relações das manifestações do autor/a se torna possível encontrar o *mito do escritor*⁴ nas concepções de Barthes (2006, p. 221) ao afirmar que esse *mito* “não é uma mentira, nem uma confissão: é uma inflexão”. “O mito é um valor, não tem a verdade como sanção.” (*apud* KINGLER, 2008, p. 24). Além do mais, ela complementa essa questão dizendo que

“A autoficção participa da criação do mito do escritor, uma figura que se situa no interstício entre a “mentira” e a “confissão”. A noção do relato como criação da subjetividade, a partir de uma manifesta ambivalência a respeito de uma verdade prévia ao texto, permite pensar a autoficção como uma performance do autor.”

E por essas manifestações artísticas em Carolina, se torna possível perceber as relações imaginárias presentes na obra. Além do mais, o mito se apresenta com o tom confessional em desejo do oculto e real pelo o *eu imaginário*. Portanto, os devaneios escritos por ela nos apresentam um panorama autoficcional, e desta forma temos a seguinte passagem que representa seu imaginário

“Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso” (JESUS, 2013, p. 120).

Dessarte, a vontade de fugir de uma sociedade interposta, a autora por meio da imaginação, cria uma autoficção em meio a fome e pobreza, o desejo de Carolina se torna seus escritos, cada dia de seu diário se torna a luta contra a fome, se torna a caracterização

⁴ Adiante, será debatida mais essa questão. Aqui iniciamos uma nota introdutória do mito de Barthes (2003;2006).

do que é ser pobre e morar na favela e o desejo de transmutar-se. Essa transmutação nos leva a pensar em outro ponto muito importante a ser debatido: *o mito*. Ela cria uma figura representativa de si, mas até onde a figura de narrar e ser autora se relacionam? Veremos que nessa concepção, o mito de si pode nos levar a identificar mais sobre a persona desta autora, além de evidenciar sua narrativa.

2.3 O mito do Escritor

O mito e o imaginário se relacionam em conjunto para a criação de novas histórias, para criar produtos sociais e nos levar a um caráter reflexivo. Através deles podemos perceber novos mecanismos de escrita para evidenciar determinada temática, ou até mesmo ganhando um olhar mais analítico. O mito se manifesta de diversas maneiras, seja ele transmutando a figura de um personagem, ou até mesmo de um narrador. Aqui o que ganha são arquétipos⁵ de *personas e representações*.

No entanto, como um arquétipo pode se configurar com o mito? Aqui ele se configura como “estruturas básicas e universais da psique, os padrões formais de seus modos de relação são padrões arquetípicos” (HILLMAN, 1992, p. 22). São elementos construídos a partir de uma pessoa que pode se tornar um mito ou um símbolo. No caso de Carolina Maria de Jesus, ela possui diversos símbolos remetidos por meio de elementos paratextuais. Mas e dentro de sua própria obra? Quarto de Despejo (2013), apresenta uma série de imagens e representações, ou seja, temos o conjunto criativo da autora como uma ruptura de silenciamento.

Nesta obra é possível identificar a fome, relacionar cores com sentimentos e perceber marcas impressas de uma identidade própria da autora que aqui se cria como um mito de si mesma, na construção de sua narrativa nas imagens representativas. Essas atitudes imaginativas segundo Duran (1997, p. 14), levam à percepção do real que resultam em produção e representação de símbolos, mitos, imagens e “arquétipos”. Porém, os arquétipos inseridos na obra também são vistos como uma extensão desse mito. Esse processo se configura segundo Serba, da seguinte forma:

⁵ Cf. JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

O arquétipo pode ser utilizado como elemento ou base conceitual para compreender e explorar todos os tipos de experiências nas quais a função criativa da imaginação esteja presente, isto é, imaginais. Isto ocorre devido ao fato de o arquétipo manifestar-se ou atuar simultaneamente em vários níveis ou estratos; como imagem, como padrão de percepção ou filtro da realidade e como um afeto ou impulso. Por exemplo, se o padrão arquetípico materno está constelado na psique, há a imagem da mãe, existindo então uma vontade ou impulso para comportamentos e atitudes de cuidado a outras pessoas e, desse modo, uma tendência a perceber o mundo sob a ótica do cuidado (SERBA, 2010, p. 78).

Aqui o mito de si ganha uma ótica explícita em Jesus, pois a fuga de si própria se configura na imaginação. Caracterizada como uma leitora assídua, utiliza a concepção do desejo de se tornar melhor e de fugir do despejo, o que se torna visível quando nos diz que “todos tem um ideal. O meu é gostar de ler” (JESUS, 2013, p. 26). Além de que a fuga de si se manifesta em diversas passagens de Quarto de Despejo dentro de representações de imagens. Dessa forma, Barthes em seu livro *Mitologias* (2006, p. 199), nos indaga a respeito do mito, segundo ele “o que é o mito hoje? Darei de saída uma primeira resposta muito simples, que corresponde perfeitamente à etimologia: o mito é uma fala”.

A concepção barthesiana nos remete a uma semiótica⁶, que irá se ligar em condições de fala, são símbolos apresentados em obras – aqui em Q.D. Com base nisso, vemos que tudo isso não se manifesta em uma “fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito” (BARTHES, 2006, p. 199). As condições em que Jesus vivia eram precárias, como falta de saneamento básico, falta de políticas públicas que auxiliassem a vida na favela e a luta constante contra a fome.

O mito de Carolina nos leva a identificar o anseio por uma vida diferente, a narradora e autora se entrelaçam em um só desejo. Dessa forma, o mito é “um sistema de comunicação, uma mensagem [...] uma forma de significação, que se define pela maneira como se fala” (BARTHES, 2006, p. 199). Podemos perceber isso na seguinte passagem onde ela afirma um acontecimento que configura sua fuga, “quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh’alma dolorida” (JESUS, 2013, p. 120).

⁶ Aqui configurado como uma construção do significado, uma representação de si (o mito).

Destarte, vemos o mito do escritor em Jesus como um conjunto de ideias dentro do seu imaginário, em busca de fuga e se entrelaçando com sua voz narradora. Voz na qual nos remete a símbolos (fome, cores, livro, papel e entre outros), que caracteriza a sua escrita e sobre a vontade de resistir em meio a pobreza.

2.4 Narrativa e imagem de Carolina Maria de Jesus

A narrativa de uma história se torna essencial para o contribuinte de um todo imaginário, as imagens narrativas nos levam a imaginação, reflexão e até mesmo a inquietude. Narrar é o processo de contar, relacionar e exemplificar fatos e atos. Mas acima de tudo, é a responsabilidade de fazer o leitor se prender e permanecer em uma leitura. Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo* (2013), tinha noção que para se destacar como autora, iria precisar se esforçar e se diferenciar para fugir o despejo, vemos isso na seguinte afirmação: “eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo” (JESUS, 2013, p. 28).

O papel que ela se auto atribui (como autora e narradora), cria um discurso narrativo. Mas qual seria esse discurso narrativo? Vemos constantemente em passagens de *Quarto de Despejo* (2013) o anseio de fugir do despejo, o lugar onde as pessoas esquecem de objetos e criam uma ruptura do que lhe “não é cabível”, e acima de tudo, é perceptível o caráter denunciativo. Jesus escrevia querendo reconhecimento, querendo realizar o sonho de ser “poetisa”, mas também utilizava seus diários como uma ferramenta que produzia discursos, sejam eles contra as mulheres subjugadas por homens na favela, seja contra a falta de comida ou até mesmo sobre os políticos que adentravam a favela em busca de voto e com falsas promessas.

Levantei de mau humor e fui atender. Era o senhor Dario. Um senhor que eu fiquei conhecendo na eleição. Eu mandei o senhor Dario entrar. Mas fiquei com vergonha. O vaso noturno estava cheio. [...] O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada. (JESUS, 2013, p. 147)

Além do mais, Jesus como narradora-protagonista nos entrega uma série de anseios por meio da imaginação. Ser colocada e representada por si, gera o discurso de representação de determinado grupo social, aqui a narrativa não é somente um condutor de históricas, mas sim como um produto social que engloba e evidencia vozes marginalizadas. Aqui a literatura do pobre é representada, mesmo quando a própria apresenta desejos de ser melhor, de vivenciar um apagamento da fome e miséria, mas ela nunca deixou de exaltar suas qualidades, admirava seu cabelo, admirava a cor de sua pele e sobretudo, refugiava-se na imaginação e literatura quando a miséria a sufocava.

É possível perceber que os antagonismos em *Quarto de Despejo* (2013) são interpostos em seu discurso de resistência, nessa questão vemos que “a pureza da narrativa é mais fácil de preservar do que a do discurso” (GENETTE, 2008, p. 282), mas sempre levando em conta o seu caráter autoficcional. Consequentemente, vemos que a relação de *discurso e narrativa* se configura por essencialmente por essas marcas, Genette (2008, p. 282) afirma

Na verdade, o discurso não tem nenhuma pureza a preservar, pois é o modo “natural” da linguagem, o mais aberto e o mais universal, acolhendo por definição todas as formas; a narrativa, ao contrário, é um modo particular, definido por um certo número de exclusões e de condições restritivas (recusa o presente da primeira pessoa, etc.). O discurso pode “narrar” sem cessar de ser discurso, a narrativa não pode “discorrer” sem sair de si mesma.

Outrossim, o discurso de Jesus narra suas vivências e experiências, especialmente pelo seu caráter autoficcional e denunciativo. Mas onde encontramos essa denúncia discursiva? Em passagens como: “e assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 2013, p. 32), “levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil?” (JESUS, 2013, p. 33), “quem não conhece a fome há de dizer: quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: - muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios deve ser ao alcance de todos” (JESUS, 2013, p. 38), e por fim “eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho.” (JESUS, 2013, p. 39), além de uma série de outras passagens que a denúncia social se manifesta.

A produção de discurso por meio da narrativa cria e nos mostra uma perspectiva de lugar de fala, nos faz reconhecer e relacionar histórias, e identificar processos sociais que ainda são invisíveis na sociedade brasileira. Sendo visionária sem saber, Carolina nos leva a visualizar a resistência do pobre, mesmo em meio ao silenciamento, em uma forma de persistir em fugir do despejo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo biográfico de Jesus nos apresenta que a sua fortuna crítica antes substancial era vista como algo resolvido, no entanto vemos que com o seu centenário recente algumas pesquisas estão sendo levantadas sobre a sua caracterização como “favelada” e uma personagem colocada a posto da antiga sociedade brasileira em meados das décadas de 50 a 60. Além disso, fica exposto que ainda há muito o que ser debatido sobre esta autora, principalmente no que se diz a respeito das questões sociais tais como motivadoras de pesquisas e de representação negra de lugar de fala, são questões com as temáticas de fome, racismo, pobreza e o silenciamento forçado.

A perspectiva da fome, do desejo e do sonhar eram constantes. Dessa forma, vimos que o mito criado em si nos leva a caracterizar a relação criada entre autora-narradora, a autora que fala sobre si e sobre o pobre, a que gera produtos sociais com o intuito de ter uma experiência de vida melhor. Os sonhos constantes nos levam a perceber que o resistir sempre se tornava mais forte que o desistir. Também, o futuro era um assombro, o medo pelos seus filhos era o que a motivava a escrever. O que nos leva em outro ponto essencial nesta análise: o discurso narrativo.

O caráter denunciativo produzido em seu discurso, nos mostra uma repetição de *resistir* e *desistir*. A luta contra os seus antagonismos era forte, o desejo de desistir também. Ser pobre era um incômodo constante, que a fazia pensar em suicídio. Era a forma de derrotar a fome e todos os seus medos. Essa foi a luta de uma mulher preta, pobre e favelada que resistia contra a escravatura atual de sua época, em um meio de fuga do grande despejo dos pobres da antiga Canindé, em São Paulo.

4 REFERÊNCIAS

- AUSTIN, Alfredo López. **Tras un método de estudio comparativo entre cosmovisiones mesoamericana y andina a partir de sus mitología.** In. Anales de Antropología, Universidad Nacional Autónoma de México, México, vol. 32, n. 1, 1995, p. 209-240.
- AZEVEDO, Luciene Almeida de. **Autoficção e literatura contemporânea.** Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, 2008.
- BARTHES, Roland. **Mitologias.** Tradução de Rita Buongiorno; Pedro de Souza e Rejane Janowitz. São Paulo: Difel, 2006.
- COSTA, Ana Karoliny Teixeira da; PEREIRA, Rogério Silva. **Vozes marginalizadas: estudo da narrativa literária em Quarto de Despejo (1960).** Revista Arredia, Dourados, MS, Editora UFGD, v.1, n.1: 120-131, jul./dez. 2012.
- DANTAS, Audálio. **Apresentação.** In: JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: diário de uma favelada.* São Paulo: Abril, 2013.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** (Trad. de Hélder Godinho). Lisboa: Presença, 1997/2007.
- FAEDRICH, Anna. **O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea.** Itinerários, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015.
- GALVÃO, Andréia Márcia de Castro. **Carolina Maria de Jesus: sua escrita, sua vida.** Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, 2017.
- GENETTE, Gérard. **Fronteiras da narrativa.** In: Análise Estrutural da narrativa. Tradução: Maria Zélia Barbosa. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- GOES, Priscila. **Quarto de Despejo: Autoficção e o Mito do Escritor.** 1ª edição – Salvador, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **A categorização político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, nº 92/93, 1988.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade.** 3ª ed. [trad Tomaz Tadeu da Sila e Guacira Lopes Louro]. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HILLMAN, J. **Psicologia arquetípica.** São Paulo: Cultrix, 1992.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada.** 1. ed. – São Paulo, Abril, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- KLINGER, Diana. **Escrita de si como performance.** Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.12, 2008.

- LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa.** 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário.** Brasiliense, 1997.
- MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero.** Tese. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio.** Revista USP, n. 37, p. 82-91, 30 maio 1998.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert, M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: Experiência marginal e construção estética.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literatura de língua portuguesa da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2013.
- MONTEIRO, Marcelo. **Pequeno Dicionário das Favelas.** Rio de Janeiro. Disponível em: www.favelatemmemoria.com.br . Acesso em: 22 out. 2019.
- MUZZI, Eliana Scotti. **Paratexto: espaço do livro, margem do texto.** Viva Voz, Belo Horizonte, 3ª ed., 2015.
- OLIVEIRA, Mirian Ribeiro de. **Semiose negra decolonial em Carolina Maria de Jesus.** Raído, Dourados, MS, v. 14, n. 34, jan./abr. 2020.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas: Ed. Da Unicamp, 2002.
- PERES, Elena Pájaro. **Exuberância e Invisibilidade: Populações moventes e cultura em São Paulo de 42 ao início dos anos 70.** Tese (Doutoramento em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2006.
- PUERTAS MOYA, Francisco Ernesto. **La escritura autobiográfica en el siglo XIX: el ciclo novelístico de Pio Cid considerado como la autoficción de Angel Canivet.** La Rioja, 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de la Rioja. Disponível em: http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_tesis?articulo=1249573&orden=0 Acesso em: 20 out. 2019.
- REIS, Carlos. **Narratologia(s) e teoria da personagem.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 26-36, jan./jun. 2006.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.
- SANTA, Everton Vinicius de. **Sobre paratextos autorreferenciais e a literatura atual.** Texto Digital, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 217-232, jan./jul. 2020.

SANTOS, Lara Gabriella Alves dos. **Carolina Maria de Jesus: análise identitária em quarto de despejo - diário de uma favelada**. Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem - UFG Regional Catalão, 2015.

SANTOS, Simome Cabral Marinho dos; SANTOS, Nadia Farias; OLIVEIRA, Bruna Karine de. **Educação e invisibilidade social na obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus**. Todas as Letras, v. 18 n. 3, 2016.

SILVA, Leandro Soares da. **O subalterno pede licença para falar**. Periódicus, Salvador, n. 9, v. 1, maio-out. 2018.

SOUZA, Flávia Roberta Menezes de. **Tipos de narrador e novas discussões em narratologia**. Nova Revista Amazônica, ano V, vol. 3, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TOLEDO, Cristiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si**. Lêtronica, Porto Alegre, n. 1, v. 3, p. 247-57, 2010.

TOLEDO, Cristiane Vieira Soares. **O estudo da escrita de Si nos diários de Carolina Maria de Jesus: A célebre desconhecida da literatura brasileira**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, Porto Alegre, 2011.